Para a história dos Terésios*

Dimas Macedo[1]

Aos 19 de outubro de 1989, ao tomar posse como sócio titular da *Academia Cearense de Letras*, deixei escapar a seguinte confissão: "Neto de um expressivo poeta popular e repentista cearense, e vinculado, por relações de parentesco, à linhagem dos desbravadores que construíram a civilização do Cariri, como produtor da cultura, orgulho-me e jamais poderia desprezar esta minha requintada tradição". Hoje, contadas as conquistas e os horizontes que em mim se foram armazenando, sinto-me satisfeito ao partilhar da mesma sensação. Cresce, portanto, em mim a convicção de que as minhas raízes atávicas constituem o intrincado labirinto com que costumo distrair a minha dispersão. Na sala de retratos em que deparo os meus mitológicos ancestrais caririenses, vejo que os terésios já portavam em sua aventura civilizatória as marcas inconfundíveis da solidariedade e da determinação, que deles fariam uma gente impossível e respeitada em todo o percurso da história de uma região.

Não é correto, portanto, dizer que a Associação que hoje se inaugura, é produto de uma circunstância particular, que atende a uma ou outra forma de apelo, que é momentânea ou que traz em si mesma o estopim de um festivo vendaval. Quando o historiador João Brígido dos Santos, em finais do século passado, vasculhava os velhos arquivos da históia do Cariri, deles já nos dava notícias como nucleadores de várias povoações e fazendas de criar, entre todas elas sobressaindo-se aquela denominada de "Engenho de Santa Teresa", fundada pelo Capitão José Paes Landim, um dos pioneiros da colonização do Ceará.

Núcleo originário e sócio-econômico das famílias terésias, segundo observações dos maiores historiadores do Cariri, a exemplo de Irineu Pinheiro e do Padre Antônio Gomes de Araújo, e de João Brígido dos Santos, que lhes pesquisou as origens e os primeiros anos da sua formação – o Engenho de Santa Teresa, por séculos afora, manteria acesa a temperatura da sua chaminé.

---

(1) Da Academia Cearense de Letras. Professor Universitário (UFC). Autor de vários livros e artigos esparsos.

Deles, os terésios, se ocuparia o historiador Joaryvar Macêdo ao traçar as linhas da sua inculcada genealogia, detendo-se na descendência do Capitão Domingos Paes Landim e da sua mulher Isabel da Cruz Neves, ascendentes dos terésios que hoje se organizam em Associação. No seu monumental e não por demais relembrado A ESTIRPE DA SANTA TERESA, em apuradas 1.223 páginas de texto sedutor e cativante, Joaryvar Macêdo desvenda a linhagem dessas famílias e nos leva a intuir o que a trajetória dos terésios poderia representar como provocação e desafio para os demais historiadores, intérpretes e sociólogos do Ceará.

Abstraindo-se o dado genealógico da questão dos terésios, o que registrou a historiografia sul-cearense, pertinente aos labores e às contendas de que alguns dos seus membros foram protagonistas, a mim particularmente me parece constituir algo de substância deveras importante com que a pesquisa histórica e a sociologia política cearense podiam muito bem se entreter.

Costumo dizer às pessoas que me abordam acerca da existência dos terésios, que o conjunto das suas aventuras lhes permite auferir o culto de uma tradição oracular. Em verdade, quando o Coronel Joca do Brejão mandava no Município de Barbalha, Antônio Joaquim de Santana era senhor absoluto em Missão Velha. Felinto da Cruz Neves resistia aos ataques dos seus adversários em Santana do Cariri, e Marica Macêdo do Tipy escrevia, com tintas de destemor e bravura, a chamada "Questão do Oito" em Aurora – parece inquestionável que os terésios espelhavam a elite mais refinada da República do Cariri.

E, mais ainda, era evidente o papel dos terésios quando se divisava que o Tenente-Coronel José Joaquim de Maria Lobo era o mentor das irmandades religiosas de Juazeiro do Norte e alter-ego do Padre Cícero Romão, no período que antecedeu ao reinado de Floro Bartolomeu, e quando o Município de Aurora se ocupava em produzir um homem bravo e destemido do porte de Joaquim Vasques Landim, o célebre Quinco Vasques, que ousou violar o feudo de Fideralina Augusto Lima, em Lavras da Mangabeira, escrevendo, aos 07 de abril de 1910, uma das páginas mais palpitantes da história do Ceará.

Nos velhos tempos da Primeira República, quando o Sul do Ceará parecia um caldeirão, os terésios ali já se destacavam como uma família deveras singular. Enquanto os clãs patriarcais de Várzea Alegre, Crato, Brejo Santo e Lavras da Mangabeira pareciam sempre preparados para a autografia do banquete familiar, as dis-

tâncias entre os membros das famílias terésias gradativamente se iam confundindo. Tocar-se num Macêdo, em Aurora, num Lobo de Macêdo, em Lavras, num Vasques Landim, em Missão Velha, era colocar o Tipy, o Calabaço ou o Santa Teresa em prontidão. Era incrível como a solidariedade presidia a toda uma rica tradição familiar. No Calabaço, por exemplo, o Sítio onde nasci, existia uma veneração quase sagrada aos nossos ancestrais e aos parentes que se espalhavam pelos demais municípios da Região.

Quando a projeção dos terésios já não se continha nos limites da atividade municipal, alguns dos seus membros alçaram vôo para o alcance de novas conquistas sociais, entre elas o exercício do governo de várias unidades da Federação, postos de destaque na magistratura estadual e federal, desempenho de funções ministeriais a administrativas nos altos escalões da República.

O ramo que fincou raízes em Barbalha se projetaria com os Martins de Jesus. Quando eles resolveram se despedir das nascentes do Caldas demandaram em busca de Fortaleza para emprestar definitivos contornos à história cultural do Ceará. Antônio Martins Filho para fundar a Universidade Federal do Ceará e ser seu primeiro Reitor, Cláudio Martins para presidir a Academia Cearense de Letras e o Conselho Estadual de Educação. Fran Martins para coordenar o Grupo Clã de Literatura, responsável pela implantação definitiva do modernismo no Ceará, e para se destacar como a maior autoridade brasileira no campo do direito comercial. A eles, no papel de engrandecimento da cultura cearense, se juntariam os escritores Mozart Soriano Aderaldo, que seria presidente do Instituto do Ceará, Joaryvar Macêdo e José Denizard Macêdo de Alcântara, que se tornariam, Secretários de Cultura do Estado e primorosos historiadores. Durval Aires se destacaria como romancista e Nertan Macêdo como o maior historiador do fanatismo religioso de Juazeiro, do cangaço e do coronelismo da região, ampliando os seus estudos para outros Estados do Nordeste, especialmente como o mais respeitado intérprete da trajetória de Lampião. Primos entre si, não se pode negar que esses homens não tenham atingido um patamar superior no processo de construção do Ceará cultural.

No Cariri, os terésios desfrutaram e ainda hoje desfrutam a fama de haverem gerado alguns dos maiores poetas populares e repentistas da região. O ramo dos Lobo de Macêdo foi o mais expressivo neste setor. Meu trisavô, meu bisavô, meu avô e meu pai, por exemplo, se sobressairam como trovadores e repentistas. Dentre eles, meu avô, Antônio Lobo de Macêdo, conhecido popularmente pela al-

cunha de Lobo Manso, tem sido reconhecido por folcloristas e historiadores dos mais diversos matizes como um dos mais expressivos poetas de bancada do Ceará, tendo recebido elogios, inclusive, de Florival Seraine, na sua ANTOLOGIA DO FOLCLORE CEARENSE, e do grande pesquisador e sociólogo brasileiro Luís da Câmara Cascudo. A eles, por via de consequência, devo boa parte do meu tirocínio intelectual e da minha acanhada inspiração. Orgulho-me, no entanto, de terem sido eles poetas matutos, que nunca precisaram sair do recinto municipal para se projetar e crescer.

Quem, mais do que os terésios poderia ter contribuído para a cultura do Ceará e para a sociologia política do Cariri? Esta pergunta cabe à historiografia responder. Não me compete tracejar conjecturas. Lamento apenas que Marica Macêdo do Tipy seja hoje objeto de pesquisa no Centro Interdisciplinar de Estudos Contemporâneos da Universidade Federal do Rio de Janeiro, na série Matriarcas do Ceará, ao lado de Fideralina Augusto Lima e de Bárbara de Alencar, e no Ceará se ignore o desempenho da sua atuação.

Marica Macêdo, Antônio Joaquim de Santana, Joca do Brejão, Joaquim Vasques Landim, Felinto da Cruz Neves, José Joaquim de Maria Lobo e João Lobo de Macêdo, entre os mais antigos representantes da família, são símbolos da história política e cultural do Cariri a quem não podemos deixar de prestar o penhor do nosso respeito e a sinceridade da nossa admiração. Não falo dos novos nem dos que vieram depois, lembrando tão-somente que João Antônio de Macêdo (João de Zeca) e Edson Olegário de Santana se tornariam protótipos mais do que acabados do folclore político nordestino. Falo daqueles que devemos cultuar como referências e que nos inspiraram a decisão de agir, sedimentando em cada um de nós o espírito de solidariedade que preside à convivência na casa dos terésios.

A ACEITE, portanto, tem a finalidade de congregar esses valores parentais, tem o fito de unir um conjunto de famílias que possuem um marco genealógico comum e uma série de ramificações. Em nome de uma confortante assembléia e de um movimento que não sei como precisar as suas primeiras manifestações, que suponho, perdidas no tempo, eis-me expressando em nome de todos os terésios.

Vicente Ivo de Macêdo, Edmilson da Cruz Neves, Hélio Luna Alencar, José Augusto da Cruz, José Valdener Saraiva Cruz, Juarez Saraiva de Jesus, Edilson da Cruz Santana, Cícero Vasques Landim, Eairle Macêdo Luna Tavares, Francisco Maurício Cruz, Ricardo Antônio Macêdo Lima, Sulamita Luna Alencar, Aluísio Lobo de Macêdo, Gilson Cruz Santana, Dário Grangeiro Cruz, Francisco

Raimundo da Cruz, João Bosco de Macêdo, Jadson Saraiva Cruz, Hélio Cruz Macêdo, Antônio Vicente de Macêdo e José Demontier Cruz, são os membros das famílias terésias comigo escolhidos para dirigir os destinos de sua Associação. De mim, particularmente, tendo a consciência de que estou cumprindo uma missão. No momento festivo da posse como Presidente da Associação Cearense de Integração dos Terésios – ACEITE, pude testemunhar que a persistência dos meus teimosos parentes valeu. Valeu porque é importante cultivar uma tradição, porque o sentido da união e da fraternidade dos terésios, ainda mesmo desprovida de outras pretensões, não deixa de ter um objetivo a atingir. Se para outro fim não prestar a Associação, pelo menos dela se poderá tirar uma lição de afeição e estima e um exemplo que se pode antepor aos desacertos de uma outra família que, enredada nos descaminhos do vício e da falta de postura, se decompõe e envergonha o sentimento de toda a Nação.

É claro que não alimentamos a pretensão de servir de escola para ninguém. Unimos esforços, congregamos estimas, afagamos muitos ideais e utopias, mas no íntimo, também acalentamos a determinação e o desejo de participar. Queremos criar um consenso em torno de uma questão: a de não sermos os mesmos, a de deixar de ser o que somos para nos tornarmos uma comunhão. Viemos para dizer que a nossa causa é integrar, que a nossa bandeira é servir, que a nossa vontade de plantar começa por aqui.

É claro, também, que não nos move a pretensão de colher. Não nos basta a esperança de que o mundo terá que mudar. Nos conforta saber que o nosso imaginário é um sonho, que a nossa aliança se faz com a contribuição do que somos e com o legado dos nossos austeros ancestrais.

Finalmente, expresso o sentimento da minha expectativa particular. Na condição de cidadão brasileiro e de intelectual militante, me confesso um homem que acredita que todas as nossas utopias um dia se realizarão e que o sonho é a única possibilidade concreta de agir quando pensamos com o coração, e que o ato de viver corresponde ao sentido de participar. É por esta razão que não posso invocar o direito de me omitir. Os que comigo assumiram as funções de direção da ACEITE, sabem que não nos foi confiada a tarefa de representar, mas a decisão de fazer. É este o compromisso que nos compete solenemente jurar, em nome da nossa própria continuação.